

NOSSA AGECEF

O Jornal da Associação dos Gestores da Caixa - Bahia

Nº 51 - Novembro de 2018



Presidente: Antônio Messias Rios Bastos

Saúde abalada

**Pressionadas e com jornadas
muito mais exaustivas,
empregadas Caixa adoecem
mais**

Página 4

FUNCEF

Contencioso não para de subir

A cada novo balanço da FUNCEF mais um choque. O contencioso continua crescendo. Os valores das ações de perda possível cresceram 4,3% na comparação entre agosto passado e dezembro de 2017, chegando a R\$ 17,9 bilhões. Somado aos valores das ações de perda provável, de R\$ 1,12 bilhão, o contencioso bate a casa dos R\$ 19,02 bilhões, quase o triplo do déficit acumulado.

O contencioso poderia ser resolvido se a FUNCEF cobrasse da Caixa. Mas, falta compromisso com os interesses dos participantes e assistidos. Há muito tempo os empregados reclamam do descaso das gestões da Fundação e quem paga são os participantes, com sucessivos equacionamentos que poderiam ser bem menores, caso houvesse boa vontade.

A FUNCEF cobrou integralmente no va-



lor da segunda parcela do 13º salário dos vinculados aos planos de equacionamento REG/REPLAN Saldado e Não Saldado, a contribuição extraordinária referente ao provento, sem demonstrar a menor sensibilidade para o pleito dos participantes e

assistidos que precisavam desse pequeno fôlego. Na maioria dos casos dos assistidos Não Saldado, o valor líquido do 13º foi perto de zero.

Enquanto isso, a Caixa segue elevando o lucro. O resultado entre janeiro e setembro, de R\$ 11,5 bilhões, supera as expectativas para todo o ano. É o melhor da história do banco, com aumento de 83,7% ante o mesmo período de 2017.

Perigo no ar

A FUNCEF tenta esconder o perigo e conta com a ajuda da lei. Nos balanços divulgados, os valores das ações de perda possível aparecem discretamente nas notas de rodapé e muita gente passa despercebida e não atenta para o perigo.

Mas, o contencioso divulgado sem chamar atenção, representa um risco que pode gradativamente impactar o resultado dos planos. As perdas

possíveis são as ações judiciais em que as chances de perda da Caixa são de 50%. Ou seja, ao menos metade desses processos será convertido em perda. Em números, significa que R\$ 8,95 bilhões podem virar prejuízo para os planos de benefícios.



Nova fórmula para enganar

A direção da FUNCEF mexeu nas rubricas para tentar enganar o participante. Mas a verdade é que com a reclassificação contábil, cerca de R\$ 1 bilhão antes provisionados deixaram de ser contingenciados nas ações de perda provável e foram para as ações de perda possível. Quer dizer, ao invés de solucionar, empurrou o problema para os próximos anos.

Não é só isso. A FUNCEF sonega muito mais informações do que se pensa. Não revela, por exemplo, o quanto já foi pago nas ações do conten-



cioso. Quando um processo judicial perdido é pago, o valor é retirado do contingenciamento. Neste caso, a reserva contingencial diminui, não porque o problema foi resolvido, mas porque já virou prejuízo e não tem mais volta.



Alerta total

O desenho do que será o governo de Jair Bolsonaro para as empresas públicas mostra que anos difíceis podem estar por vir. Os sinais dados pela equipe de governo ligam o alerta também na Caixa. O mercado vem dando o recado: a política do próximo governo deve seguir o que foi iniciado por Michel Temer, no entanto de forma mais radical.

Embora o presidente eleito tenha afirmado durante a campanha eleitoral que não privatizaria o banco, os primeiros passos do governo que começa oficialmente em janeiro levantam dúvidas. A começar pelo nome escolhido pelo futuro ministro da Fazenda, Paulo Guedes, para comandar a Caixa.

Pedro Guimarães, sócio do banco de investimento Brasil Plural, tem mais de 20 anos de atuação no mercado financeiro na gestão de ativos e reestruturação de empresas. Também é especialista em privatizações. Um sinal claro do que pode vir por aí.

O que se diz é que Pedro Guimarães deve comandar a venda da área de cartões de crédito e de seguros. Um verdadeiro desmonte da principal instituição financeira pública do país.

Os empregados estão de olho ao cenário que se pinta. A Caixa é o maior banco público do Brasil, fundamental para o crescimento. Mesmo assim, vem perdendo espaço há algum tempo. O quadro de empregados foi reduzido em cerca de 15 mil desde 2014, áreas estratégicas foram extintas e investimentos sociais caíram. Para completar, “braços” fundamentais estão sendo desestatizados, como as loterias instantâneas.

Leilão da Lotex

O leilão da Lotex integra o Programa Nacional de Desestatização. Segundo o edital, o contrato da empresa vencedora do leilão será de 15 anos. O valor mínimo do leilão foi estimado em R\$ 542 milhões e o pagamento pode ser parcelado em até quatro vezes.

O que chama atenção é que o governo impediu a participação da Caixa no processo, deixando claro que o objetivo é mesmo faltar e diminuir o principal banco público do país, abrindo caminho para outras medidas ainda piores, como a privatização.

O Brasil perde muito com a transação. Para se ter ideia, dos R\$ 6,5 bilhões arrecadados pelas Loterias de janeiro a junho, cerca de R\$ 2,4 bilhões foram transferidos para



programas sociais nas áreas de seguridade social, esporte, cultura, segurança pública e saúde, correspondendo a 37,6% do total.

Trabalho ameaçado

O trabalho nas empresas públicas está ameaçado. O jornal *O Estado de São Paulo* denunciou, em reportagem, perseguição que centenas de empregados de carreira estão sofrendo por terem se posicionado contra o presidente eleito. O caso é tão grave que há informações de que muito trabalhador tem excluído comentários e publicações das redes sociais.

Ainda, segundo a matéria, estão sendo formados grupos de voluntários para fazer um levantamento sobre os trabalhadores do Banco do Brasil, Caixa, BNDES, BNB e



Banco da Amazônia.

O BB seria o principal alvo no primeiro momento, destaca a reportagem. A intenção é preencher as vagas das funções mais elevadas apenas por indicação, acabando com o atual processo seletivo, com critérios estabelecidos em acordo.



Na Caixa, recentemente, uma mudança no estatuto, também abriu a possibilidade para que as diretorias de áreas de controle (Jurídica, Auditoria e Corregedoria) não sejam mais ocupadas por concursados. Um retrocesso que coloca em risco a carreira dos bancários.



Na Caixa, mulher adoece mais

O mercado de trabalho é muito mais cruel com as mulheres. Geralmente, elas têm mais dificuldades de ascender profissionalmente, têm remuneração menor, mesmo ocupando o mesmo cargo que os homens, e, conseqüentemente, sentem mais pressão. O resultado da política discriminatória é observado no número de adoecimento. Na Caixa, não é diferente.

A pesquisa *Saúde do Trabalhador da Caixa 2018* mostra que 40,7% das mulheres que trabalham no banco tiveram algum problema de saúde nos últimos 12 meses. Muito maior do que o verificado entre os homens, de 28,4%. Os dados revelam que 54,7% tomaram remédios e os antidepressivos aparecem em primeiro lugar (28,4%). Entre os homens, esse tipo de medicamento foi usa-

do em 22,5% dos casos.

Segundo o levantamento, no geral, elas cumprem mais horas extras. Entre as entrevistadas, 33,8% afirmam trabalhar além da jornada com frequência. O índice verificado entre os homens é um pouco menor, de 28,7%.

Outro dado que merece destaque é a relação com a chefia, muito bem avaliada, independentemente de unidade, região ou sexo. A convivência com a chefia é considerada boa ou ótima por 87,1% das mulheres e 86,1% dos homens. Aqui um fato. Se a relação com o superior é boa, então a política de trabalho imposta pela empresa, de

metas e ameaças de descomissionamento, é que está equivocada, aumentando o índice de adoecimento entre o trabalhador, e todos sentem os reflexos. Não importa a posição hierárquica.

Embora a questão seja grave, a Caixa negligencia. De acordo com a pesquisa, o banco emitiu CAT (Comunicação de Acidente de Trabalho) para licenças por problemas mentais em apenas 13,6% dos casos. Por gênero, o relatório mostra que entre os homens o índice de emissão é maior, 18,1%, contra 9,6% entre as mulheres. Ou seja, embora adoeçam mais, elas se afastam menos.

Cuidados com a saúde do homem

Quem disse que homem é forte, não chora, não precisa se cuidar? O homem, assim como a mulher, deve, sim, dar atenção especial à saúde, ir ao médico com frequência e fazer exames de prevenção e diagnóstico de doenças, entre elas o câncer de próstata.

O **Novembro Azul** chama atenção para a importância da conscientização. Segundo o INCA (Instituto Nacional do Câncer), em 2017, foram registrados 61,2 mil novos casos de câncer de próstata do Brasil. A doença é a segunda mais comum entre os homens, atrás apenas do câncer de pele. No entanto, aparece na primeira posição em número de mortes. A estimativa do INCA é de que 1 em 36 homens diagnosticados

possivelmente venha a ser vítima fatal.

Para algumas pessoas pode ser difícil de acreditar, mas o preconceito é a principal barreira para o diagnóstico precoce e tratamento adequado, o que evitaria o óbito do indivíduo. Por isso, quanto mais o tema for abordado, mais preconceitos e tabus podem ser quebrados.

O câncer de próstata é um tipo de câncer comum entre os homens, especialmente após os 45 anos. É uma doença silenciosa. As causas ainda são estudadas e os sintomas podem variar. Mas, alguns sinais, como dificuldade de urinar ou urina escura, indicam que alguma coisa pode estar errada. Daí a importância de sempre procurar um médico especialista.

